

Cibele Saliba Rizek

Socióloga, professora doutora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9822, cibele@uol.com.br

João Marcos de Almeida Lopes

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, e-mail: jmalopes@sc.usp.br

O texto de Piotr Kropotkin, que publicamos a seguir, apresenta uma reflexão instigante porque atual. Talvez seja esta sua característica mais marcante: a menção a problemas e questões que resultam da forma capitalista de produção da habitação, seu caráter de propriedade privada, em vivo contraste com a produção coletiva da cidade onde se ancora. Essa combinação contraditória produz efeitos que acabam por caracterizar a produção e a forma de apropriação da moradia ao longo da história do capitalismo, que acusam elementos comuns à França do começo do século XX e ao Brasil de nossos dias. Alguns desses elementos cuja diversidade no tempo e no espaço confere densidade às observações de Kropotkin, conformam e sedimentam o solo da experiência da desigualdade.

Na França dos primeiros anos do século passado, a precariedade da habitação popular, sua insalubridade, combinados à constatação de inúmeros imóveis vazios, da falta ou da precariedade de habitação para as camadas mais pobres da população, do espaço e luxo de casarões e apartamentos de altas rendas pediam uma solução

que, dentro das concepções do autor, viria da ação direta da massa de trabalhadores empobrecidos. A ação do Estado, pela mão de governos conservadores ou progressistas devidamente aliados aos interesses dominantes, assim como de suas burocracias e escritórios, comparece no texto, como obstáculo, como impedimento às possibilidades de resolução da questão habitacional.

No Brasil de hoje, diante de déficits espetaculares de moradia, de uma grande quantidade de prédios e imóveis desocupados em nossas cidades, de um número crescente de ocupações urbanas como último recurso do 'salve-se quem puder' na disputa pelo solo da cidade, somados à crise das formas de representação política, questões semelhantes parecem demandar uma reflexão que possa destrinchar as velhas e novas formas de desigualdade que têm na moradia e na cidade seu campo privilegiado de realização. Retomar Kropotkin pode ser um começo: se não como um corolário destacado de um tempo e um lugar, como manifestação lúcida do reconhecimento de contradições e perversidades que insistimos em tratar como naturais.